

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ (PARTE III)
24 e 29 de abril de 2025

THE BOY FROM OKLAHOMA / 1954
(*Um Desconhecido na Cidade*)

Um filme de Michael Curtiz

*Realização: Michael Curtiz / Argumento: Frank Davis, Winston Miller, a partir de *The Sheriff Was Scared* de Michael Fessier / Produção: David Weisbart / Música: Max Steiner / Direção de Fotografia: Robert Burks / Montagem: James Moore / Som: Stanley Jones / Direção Artística: Leo K. Kuter / Décor: Emile Kuri / Assistência de Realização: Oren Haglund / Interpretações: Will Rogers Jr. (Sheriff Tom Brewster), Nancy Olson (Katie Brannigan), Lon Chaney Jr. (Crazy Charlie), Anthony Caruso (Mayor Barney Turlock), Wallace Ford (Wally Higgins), Clem Bevans (Pop Pruty), Merv Griffin (Steve), Louis Jean Heydt (Paul Evans), Sheb Wooley (Pete Martin), Slim Pickens (Shorty), Tyler MacDuff (Bill Bonney, Billy the Kid) James Griffith (Joe Downey) / Cópia: 35mm, a cores, falado em inglês com legendas em sueco e legendas eletrônicas em português / Duração: 87 minutos / Estreia Mundial: 24 de fevereiro de 1954, Los Angeles, Califórnia / Estreia Nacional: 15 de dezembro de 1967 (distribuição limitada) / Primeira passagem na Cinemateca.*

De uma maneira algo genérica e redutora, podemos dizer que entre **High Noon** (1952) e **Silver Lode** (1954) está o derradeiro título rodado por Michael Curtiz para a Warner Brothers (desde 1926 que o realizador americano, nascido em Budapeste, trabalhava em exclusivo para este estúdio). Um *western* político e moral sobre a força das armas contra a força da lei, um duelo de tom e registo didáticos entre a corrupção ou a lei do mais forte e o conhecimento ou a civilização. Nesse sentido, voltando às comparações simplistas, podemos dizer que este é um *western* já próximo da filosofia do senador Ramson Stoddard, personagem encarnada por James Stewart que sintetiza um momento de viragem no género do *western* na obra-prima crepuscular de John Ford **The Man Who Shot Liberty Valance** (1962). Will Rogers Jr. personifica esta vitória, vagamente humanista, contra a selvajaria do faroeste, pois este é um xerife, bem temível, que usa a razão ou, na pior das hipóteses, a sua corda de *cowboy* (*lasso*) antes de sequer pensar em manejar o revólver. A outra marca de modernidade é detetável na presença de Katie, filha do anterior, e malogrado, xerife, que é mil vezes mais ágil do que qualquer outro homem nesta localidade.

Em suma, Will Rogers Jr., ou melhor, o xerife Tom Brewster é uma espécie de Wyatt Earp que faz da pontaria retórica e da rápida interpretação da lei as suas principais, e por vezes únicas, armas. A divertida cena em que convence um esgrouviado e perdidamente bêbado Lon Chaney Jr. a deixar-se prender ilustra bem tudo aquilo que corre e tudo o que, aos olhos do poder político corrupto, irá correr mal por estas paragens do (ainda) velho faroeste americano. Brewster afirmar-se-á como o pior inimigo dos esquemas maquiavélicos e sinistros do Mayor Barney Turlock, interpretado pelo carismático Anthony Caruso. Sob vários pontos de vista, este *western* devolve-nos à lição moral contida num dos *gangster movies* de maior sucesso de Curtiz realizados para a Warner: **Angels With Dirty Faces** (1938). É importante que os heróis deem o bom exemplo, mas este não é forjado pela lei das balas, antes pela lei do mais inteligente, estudioso ou judicioso. Will Rogers Jr. é, também por isso, o anti-estereótipo do *cowboy* viril que domina uma comunidade por ser, antes de mais, “the fastest gun alive”, para citar o título de um outro *western*

comparável, *a contrario sensu*, com este de Curtiz, realizado por Russell Rouse e com Glenn Ford no principal papel, um *cowboy* que já recusa liminarmente sucumbir à selvajaria e à barbárie, sem lei nem roque, do velho oeste.

Por esta altura, nesta folha, já devíamos ter prometido parar de vez com as comparações, mas há outra que se impõe fazer com o popularíssimo **Shane** (1953), tanto pela sua intriga pacifista (apesar de tudo) como pela exemplaridade, corporizando uma certa postura contra a violência, do seu herói (no caso do filme de Stevens encarnado por Alan Ladd). E, claro, pela importante presença da figura do rapaz que, perto do fim de **The Boy from Oklahoma**, impede a fuga do político-bandido através do lançamento da corda entrançada, usada tradicionalmente por *cowboys*, ou seja, imitando – e fazendo valer o exemplo de – o próprio xerife Brewster. O olhar da criança serve de respaldo à boa lição de moral, colocando nitidamente filmes como este, a par mais de **Shane** do que de qualquer outro título aqui citado, num filão de *westerns* cuja principal mensagem parece ser dirigida a um público juvenil.

Ao mesmo tempo, o papel atribuído a Nancy Olson, a destemida mulher de armas, lembra-nos que estávamos a viver sob o efeito da popularidade de personagens como **Calamity Jane** (1953), importante capítulo na história do género em que uma mulher toma definitivamente as rédeas da ação e com estrondo. Claro que o tom não é exatamente o do *western* cómico e musical protagonizado por Doris Day, mas a personagem de Katie também deve ser vista como um produto dos tempos, numa tentativa de abertura do *western* à possibilidade de uma força e a qualidades, como a perícia e a audácia físicas, de maneira alguma exclusivas dos homens. Pela mesma ordem de razões, podemos dizer que a violência e a barbaridade também não são um exclusivo de todos os *westerners* masculinos, algo que o filho mais velho do comediante Will Rogers, com uma extensa carreira como político do Partido Democrata, em certa medida demonstra neste leve e agradável *western*.

Luís Mendonça